
TEATRO LÍRICO

Paixão | Paixão de Lia | O amante brasileiro

betty milan

TEATRO
LÍRICO

Paixão | Paixão de Lia | O amante brasileiro

DRAMATURGIA
BRASILEIRA

giostri

Título Original

Teatro de Betty Milan – Teatro Lírico

copyright Betty Milan, São Paulo, 2015

Reservam-se os direitos desta edição à:
GIOSTRI EDITORA LTDA.

São Paulo - SP - República Federativa do Brasil

Impresso no Brasil

ISBN: 978-85-8108-651-4

CDD: B869-2

Editor Responsável Alex Giostri
Assistente Editorial Bruna Miwa
Capa Karolyna Papoy
Diagramação Michel Kennedy
Revisão Final de Texto Giostri Editora Ltda.

Milan, Betty

Teatro de Betty Milan – Teatro Lírico

1ª. Ed. São Paulo: GIOSTRI, 2015

1 – Dramaturgia brasileira - teatro
2 – Técnicas de interpretação

1º título: Teatro de Betty Milan

2º título: Teatro Lírico

1ª Edição

Giostri Editora Ltda.

Giostri Editora | Rua Dona Avelina, 145 | Vila Mariana - SP

São Paulo • SP • CEP: 04111-010 | Tel.: (011) 2537-2764

contato@giostrieditora.com.br | www.giostrieditora.com.br



giostrieditora.blogspot.com.br



facebook.com/giostrieditora



Sumário

| | |
|--------------------------|----|
| Apresentação..... | 9 |
| Paixão..... | 10 |
| Paixão de Lia..... | 32 |
| O amante brasileiro..... | 73 |

Apresentação

Aqui reunidas, as peças do teatro lírico de Betty Milan. Foi com um pedido da atriz Nathalia Timberg que a dramaturgia dela deslanchou. Nathalia queria uma adaptação cênica do capítulo “Os Dizeres”, do livro de Betty *O que é amor*, publicado com sucesso em 1983. Pediu-lhe um contraponto entre os seus dizeres e os da lírica portuguesa e brasileira. A autora então entrelaçou seus textos com os de Adélia Prado, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Pessoa...

Paixão estreou em 1994 em São Paulo, sendo encenada seguidamente por Nathalia Timberg em muitos estados do Brasil com direção de Wolf Maya e música do maestro Júlio Medaglia. Graças ao patrocínio do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, a peça está gravada em CD.

Sucedeu-se *Paixão de Lia*, que a autora escreveu por sugestão de José Celso Martinez Corrêa, adaptando para o teatro seu romance homônimo, publicado em 1994. A peça é a viagem de Lia, que se desloca de uma para outra situação imaginária. A cada uma corresponde um voto da personagem. O primeiro é o de encontrar o amante ideal. O segundo é o de encontrar num bordel os simulacros do amante. O terceiro é o de ser uma cortesã. O quarto, de ser lésbica e o quinto, de ser mãe. São cinco votos que correspondem aos capítulos do romance: “My Man”, “O Bordel”, “A Cortesã”, “A Ilha de Lesbos” e “Ave-Maria”.

O gozo, para Lia, é indissociável do amor, e é para viver esse sentimento que ela inventa e reinventa a experiência da sexualidade, entregando-se a esta como a uma errância. Assim, ela não vive sob o império do falo e não se reconhece no dever do orgasmo. A liberdade que Lia deseja é a da imaginação. O texto foi lido por Giulia Gam e José Celso Martinez Corrêa no Teatro da Folha em 2002.

Em 2004, a pedido do ator Ricardo Bittencourt, Betty Milan escreveu *O amante brasileiro*, peça adaptada do romance homônimo. O texto se estrutura através de uma troca de e-mails entre Clara, jornalista brasileira, e Sébastien, professor universitário francês, dois amantes que o Atlântico separa depois de um grande encontro. O drama da separação, exacerbado pela rancorosa intervenção da esposa do professor, Claude, tem final feliz. Sébastien, que nasceu na França, é rebatizado como Sebastião nas águas do Brasil.

O amante brasileiro foi montado em 2004, no Teatro Oficina, com Ricardo Bittencourt e Luciana Domschke, e elogiado pela crítica, particularmente por Sergio Salvia Coelho, da *Folha de S. Paulo*. Nessa ocasião, Zé Celso saudou a autora com o texto “Amar é uma *performance*”, em que enfatiza a analogia estabelecida na peça entre a arte de amar e a de atuar.

PAIXÃO

PERSONAGEM

Um ator ou uma atriz

INDICAÇÕES CÊNICAS

Paixão foi concebida para ser encenada num só ato, durante o qual o ator dará voz ao amor, que, pela sua natureza, designa três posições. Na primeira, o ator encena endereçando-se ao amado, que, através de algum recurso dramático, o diretor tornará presente. Na segunda, diz para si mesmo, dá voz ao monólogo interior, evoca e nunca recita. Na terceira, fala voltado para o público, buscando a sua cumplicidade. As posições estão indicadas no texto por (A), (B) ou (C).

O texto também é feito de cortes — a que devem corresponder o silêncio ou a trilha sonora — e de repetições imperativas, a serem proferidas pelo próprio ator, ou em *off*, como certos poemas. A voz *off* é a voz do amor, cujo discurso é universal.

AGRADECIMENTO

A Haquira Osakabe, o amigo de sempre, pela consultoria literária.

CENA 1

Declaração da falta e reconhecimento da necessidade do amor

(B) “E
estando
me faltas.” (1)

(A) Me faltas. Verdade no entanto que, se não doesse, já não amaria. A minha solidão seria então sem nenhuma esperança.

(B) “Doloroso seria não inventar a espera, juntar os dedos em cadeado sobre os lábios, cerrar nas órbitas olhos desabitados, lagos do desânimo, onde a tua imagem afogada é desatenta à catástrofe da lágrima. Desconheces a escala em que te toco.”(2)

Se digo que te amo, é para que me digas o mesmo, para saber se entre nós há reciprocidade, se é tua a minha fissura. Sendo, eu me torno indispensável e posso momentaneamente esquecer-me de mim.

“Nenhum de nós tem nome ou existência plausível. Se pudéssemos ser ruidosos a ponto de nos imaginar rindo, riríamos sem dúvida de nos julgarmos vivos...

Desenganemo-nos, meu amor, da vida e dos seus modos. Fugamos a sermos nós... Não tiremos do dedo o anel mágico que chama pelas fadas do silêncio e pelos elfos da sombra e pelos gnomos do esquecimento...” (3)

CENA 2

Significado do “eu te amo” — o amor enquanto mal e bem

(C) *Eu te amo*, três palavrinhas mágicas feitas para me abrir e fechar a chaga, me prender e me liberar.

(B) “Sinto-me sem sentir todo abrasado
No rigoroso fogo, que me alenta,
O mal, que me consome, me sustenta
O bem, que me entretém, me dá cuidado;

Ando sem me mover, falo calado
O que mais perto vejo, se me ausenta
E o que estou sem ver, mais me atormenta,
Alegro-me de ver-me atormentado.” (4)

(A) Na tua ausência, sinto falta, saudade, urgência de te reencontrar. Digo então o mal que a tua ausência me causa: *Sem você eu não existo*.

(B) “Por que tardas, Jatir, que a tanto custo
À voz do meu amor moves teus passos?
Da noite a viração, movendo as folhas,
Já nos cimos do bosque rumoreja.”

VOZ OFF — Por que tardas, Jatir?

“Eu, sob a copa da mangueira altiva
Nosso leito gentil cobri zelosa
Com mimoso tapiz de folhas brandas
Onde o frouxo luar brinca entre flores.”

VOZ OFF — Jatir, por que tardas?

“...Vai seguindo após ti meu pensamento
Outro amor nunca tive: és meu, sou tua!

Meus olhos outros olhos nunca viram,
Não sentiram meus lábios outros lábios,
Nem outras mãos, Jatir, que não as tuas
A arazoia na cinta me apertaram.”

VOZ OFF — Jatir, por que tardas?

“Não me escutas, Jatir! Nem tardo acodes
À voz do meu amor que em vão te chama!” (5)

(A) Sendo o meu mal, você é o meu maior bem, insisto em você para não desistir de mim. Insisto, quero e te procure, como o poeta busca a estrela da manhã. Onde?

(B) “Onde está a estrela da manhã?
Meus amigos meus inimigos
Procurem a estrela da manhã.”

VOZ OFF — Procurem.

“Ela desapareceu ia nua
Desapareceu com quem?
Procurem por toda parte

Digam que sou um homem sem orgulho
Um homem que aceita tudo.”

VOZ OFF — Sim, tudo.

“Que me importa?
Eu quero a estrela da manhã.

“Três dias e três noites
Fui assassino e suicida
Ladrão, pulha, falsário.
Virgem mal-sexuada
Atribuladora dos aflitos
Girafa de duas cabeças
Pecai por todos.”

VOZ OFF — Pecai com todos

“Pecai com os malandros
Pecai com os sargentos
Pecai com os fuzileiros navais
Pecai de todas as maneiras

Com os gregos e com os troianos
Com o padre e com o sacristão
Com o leproso do Pouso Alto

Depois comigo.

Te esperarei com mafuás novenas cavalladas
comerei terra e direi coisas de uma ternura tão simples
Que tu desfalecerás.

Procurem por toda parte.”

VOZ OFF — Procurem.

“Pura ou degradada até a última baixeza
Eu quero a estrela da manhã.” (6)

(A) Te quero. Mas, mesmo na tua presença, eu corro o risco de estar só. Pelo simples fato de ser outro, você me escapa. Tento, como posso, trazer você para junto de mim, anular o que nos separa.

(B) “Longe de ti são ermos os caminhos
Longe de ti não há luar nem rosas
Longe de ti há noites silenciosas
Há dias sem calor, beirais sem ninho!

Meus olhos são dois velhos pobrezinhos
Perdidos pelas noites invernosas...
Abertos, sonham mãos cariciosas,
Tuas mãos doces, plenas de carinhos!” (7)

CENA 3

O amor do amor

(C) Prova que me ama, digo, para mais ainda me desesperar. Ah! se você me amasse... se você me amasse... Não me importa contudo a verdade, eu quero a ilusão do amor.

(B) “Sua injustiça e sua ingratidão são extremas... resisto no entanto a todas as aparências que poderiam me persuadir de que você já não me ama, prefiro abandonar-me cegamente à minha paixão do que às razões que você me dá para que me queixe do seu pouco cuidado. Vejo que a menor desculpa lhe basta, e, sem que você nem mesmo tome o cuidado de pedi-la, o amor que tenho por você o serve tão fielmente que não posso consentir em considerá-lo culpado...(8) Amo-o... mil vezes mais do que a minha vida, e mil vezes mais do que supponho; como você me é caro.” (9)

(C) A tudo eu prefiro amar, a tudo. Disso eu dependo não para ser quem sou, e sim o que quero ser, sonhar comigo outro, vagar embora, navegar sem leme em alto-mar, esquecido do chão onde de fato piso.

(B) “Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?”

Que pode, pergunto, o ser amoroso,
sozinho, em rotação universal, senão
rodar também, e amar?” (10)

(A) Juro que te amo e nunca te esquecerei, preciso eternizar cada centelha que nos ilumina, fixar este clarão.

(B) “Irmã Sórora Saudade, me chamaste...
E na minh’alma o nome iluminou-se
Como um vitral ao sol, como se fosse
A luz do próprio sonho que sonhaste.
Numa tarde de Outono o murmuraste;
Toda a mágoa de Outono ele me trouxe
Jamais me hão de chamar outro mais doce;
Com ele bem mais triste me tornaste...

E baixinho, na alma de minh’alma
Como bênção de sol que afaga e acalma,
Nas horas más de febre e de ansiedade,

Como se fossem pétalas caindo,
Digo as palavras desse nome lindo,
Que tu me deste: Irmã Sórora Saudade...” (11)

(A) Se você um dia não me quiser, peno, porém insisto. Acima de você está a paixão.

(B) “Não quero a ternura
menos cruel do que a paixão
Contigo quero viver
a flor do mal
felina e roxa
Eu quero ser Baudelaire.” (12)

(A) Digo e reafirmo que, se já não me ama, prefiro morrer, morrer de amor.

(B) “Sedia-m’eu na ermida de San Simion
e cercaron-mi as ondas, que grandes son!
eu atendend’o meu amigo,
eu atendend’o meu amigo.

Estava eu na ermida, ant’o altar
e cercaron-mi as ondas grandes do mar!
Eu atendendo...

E cercaron-mi as ondas, que grandes son!
nen ei i barqueiro, nen remador!
Eu atendendo...

E cercaron-mi as ondas do alto mar;
nen ei i barqueiro, nen sei remar!
Eu atendendo...

Nem ei i barqueiro, nen remador;
e morrerei freiosa no mar maior!
Eu atendendo...

Nem ei i barqueiro nen sei remar
e morrerei freiosa no alto mar!
Eu atendendo...” (13)

CENA 4

A unicidade do amado, o enigma da paixão

(C) Você me ama? Indago repetidamente, só para ouvir dizer: *eu te amo*.

(B) “Fala sem orgulho ou medo
que à força de pensar em mim sonhou comigo
e passou um dia esquisito,
o coração em sobressalto à campainha da porta,
disposto à benignidade, ao ridículo, à doçura.”

VOZ OFF — Fala.

“Nem é preciso que amor seja a palavra.
‘Penso em você’ — me diz, e estancarei os
fêretros, tão grande é a minha paixão.” (14)

(A) Você é único, te ouvir é como ler *As mil e uma noites*. Você me surpreende, me suspende, me faz outro, e mais eu mesmo, me fazendo amar.

(B) “Minh’alma, de sonhar-te, anda perdida
Meus olhos andam cegos de te ver!
Não és sequer razão do meu viver,
Pois que tu és já toda minha vida!

Não vejo nada assim enlouquecida...
Passo no mundo, meu Amor, a ler
No misterioso livro do teu ser
A mesma história tantas vezes lida

Tudo no mundo é frágil, tudo passa...
Quando me dizem isto, toda a graça
Duma boca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, digo de rastros:
‘Ah! Podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como Deus! Princípio e Fim!...” (15)

(A) Vivo para a tua chegada e me entrego à espera, eu te quero significa: quero querer. Peço, pois, que me deixe amar, se deixe escolher e possa suportar o enigma da paixão.

VOZ OFF — (B) O enigma...

“Me interrogo sobre quem tu és, figura que atravessa todas as minhas visões demoradas de paisagens outras e de interiores antigos e de cerimoniaes faustosos de silêncio. Visito contigo regiões que são talvez sonhos teus... talvez eu não tenha outro sonho senão tu, talvez seja nos teus olhos, encostando a minha face à tua, que eu lerei essas paisagens impossíveis, esses tédios falsos, esses sentimentos que habitam a sombra dos meus cansaços e as grutas dos meus desassossegos... não sei quem tu és, mas sei ao certo o que sou?” (16)

(A) Sei que te quero inusitado. Teu corpo é sempre outro, ainda que eu reconheça nele um certo modo de olhar, de sorrir. No timbre da tua voz, há algo de estranho, embora ela sempre me acalente. O que você diz é um oráculo, exige de mim o esforço de decifrar a tua fala para saber quem eu sou, eu que me perdi no teu fluxo, submergi nas tuas águas e, na tua presença, vejo o céu, sem saber a que constelação você pertence.

(B) “Tanto de meu estado me acho incerto
que, em vivo ardor, tremendo estou de frio
sem causa, juntamente choro e rio
o mundo todo abraço e nada aperto.

É tudo quanto sinto um desconcerto;
da alma um fogo me sai, da vista um rio;
agora espero, agora desconfio,
agora desvario, agora acerto.

Estando em terra, chego ao céu voando;
Num’hora acho mil anos, e é de jeito
que em mil anos não posso achar uma hora.” (17)

CENA 5

O amor, a irracionalidade dos amantes e o ódio

(A) Você me obstina e torturado digo que você me enlouquece, me faz perder a razão

“Em que estado, meu bem, por ti me vejo
Em que estado infeliz, penoso e duro!
Delido o coração de um fogo impuro
meus pesados grilhões adoro e beijo

Quando te logro mais, mais te desejo,
Quando te encontro mais, mais te procuro
Quando mo juras mais, menos seguro
Julgo esse doce amor, que adorna o pejo.” (18)

(A) Quero de você garantias várias, porém, é a incerteza que me faz arder. Insisto na tua presença, é a ausência que exacerba a paixão. Venço todos os obstáculos para chegar a você, mas para te experimentar recuso o que me pede. Sei que sou contraditório. Desconheço, entretanto, uma saída.

(B) “Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente
é um cuidar que ganha em se perder,

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter, com quem nos mata, lealdade.” (19)

(C) Percebo que o amor não é feito nem de respeito nem de mesura e ousa mesmo afirmar imperativo: serás quem eu quiser.

“Faz o teu dever de mera taça. Cumpre o teu mister de ânfora inútil. Ninguém diga de ti o que o rio pode dizer das margens: que existem para o limitar.” (20)

(C) Sei bem que, à sombra do amor, nascem os ódios mais profundos. Até digo: chega de amor, todavia, sou impotente. Impossível renunciar a um gozo tamanho.

(A) Errar pelas tuas sendas, perseguir-te em vão, dissipar-me nisso. Que importa o desgaste? A espera que me imobiliza é puro nomadismo. Incontáveis as vezes em que pude partir imaginariamente, ser o itinerante, dizer-me adeus para te encontrar.

“Distante o meu amor, se me afigura
O amor como um patético tormento,
Pensar nele é morrer de desventura
Não pensar é matar meu pensamento.” (21)

CENA 6

Ciúme e a exaltação do amor passado

(A) Para te amar, construí a mais alta torre de marfim, uma redoma. Ali, só viveríamos dos olhares de um para o outro. Insensivelmente, porém, o exterior nos arrebatava, você se desviava de mim e eu de você. Passamos então a nos fitar sem ver o que olhávamos, até que só tivéssemos olhares para o que estava fora.

O ciúme hoje me corrói. Se eu, que te amo, abandono momentaneamente as tuas plagas para pousar noutras e aí permanecer esquecido, se eu, que desejo estar preso, escapo à minha revelia, como não supor que falto em você e um outro ocupa o meu lugar?

(B) “Mal poderei eu ser de vós querido se tendes outro amor na alma presente que amor é um, não pode ser partido.” (22)

VOZ OFF — Um, não pode ser partido.

Um outro ocupa o meu lugar... este corpo, de que você era a alma, hoje vive, porém mal se arrasta; tornei-me um fardo, já não me enxergo no espelho das tuas águas, nem me ouço dizer em você.

(B) “Tudo é vaidade neste mundo vão... Tudo é tristeza, tudo é pó, é nada! E mal desponta em nós a madrugada, Vem logo a noite encher o coração!

Até o amor nos mente, essa canção
Que o nosso peito ri à gargalhada,
Flor que é nascida e logo desfolhada
Pétalas que se pisam pelo chão!...

Beijos de amor! Pra quê?... Tristes vaidades!
Sonhos que logo são realidade,
Que nos deixam a alma como morta!

Só neles acredita quem é louca!
Beijos de amor que vão de boca em boca,
Como pobres que vão de porta em porta!...” (23)

(C) O amor? Prefiro-o hoje mudo, ser surdo para ele. Da musa fez-se a medusa e me fez pedra, a tudo sou insensível e me pergunto se tamanho encanto era só feito de engano.

VOZ OFF — Só de engano?

(A) Sonho meu, você se interpôs entre o meu sonho e mim, entre você e mim se impôs você, obrigando-me a ver a realidade.

(B) “Nós, que vivíamos horas impossíveis, cheias de sermos nós... porque sabíamos... que não éramos uma realidade...” (24)

(A) Com você, eu vivia despercebido do que de fato sou, indagava *quem é você* não para saber, mas para imaginar, e era tal o fascínio que eu dizia: *você não existe*. A magia me transportava para fora de mim, suspendia o meu corpo e eu levitava, só não duvidando que estivesse vivo porque pulsava em você — eu era o ausente e você era antes uma aparição. Um desconhecia o outro por mais que o fixasse, soubesse da própria luz no brilho do olhar que via. Um e outro absolutamente irrealis, porém, só isso eu queria e, assim, nada podia ser mais real.

Você me levava pela mão e me introduzia noutra cena, longínqua. Me deixava ser criança, olhar e ver embevecido. Nenhum pacto explícito existia e, no entanto, parecia sempre que havíamos combinado tudo. Porque só nos importava coincidir.

Se eu hoje me pergunto *por que eu, por que você*, naquele tempo, isso não fazia sentido, eu não era eu, você tampouco você, e só vigorava a certeza de termos nascido um para o outro, como a mãe e o filho.

Quis voar e tive asas, eram tamanhos o fôlego e a possibilidade de recomeçar. De quanta espera eu me fazia, quão capaz de suportar a incerteza, atravessar continentes em busca da deságua, o meu rio no teu mar. E as cores todas que já não vejo? O odor mágico do jasmim, da camélia, dos lírios brancos que você preferia? Insistindo no meu fogo eu me aquecia, e, se havia nuvens no meu céu, era porque eu via o dia... tua ausência prenunciava uma chegada.

Contemplar em silêncio a tua imagem, adivinhar o que você desejava... eu era monotemático, mas desconhecia a monotonia. Às vezes, me ocorria sermos obra divina — éramos perfeitos. Às vezes, obras de arte — parecíamos seres fictícios. Ambos suicidas e assassinos... Fui mendigo e fui rei, pedinte, eu te dava o que não tinha, um vasto império.

Já não me precipito a abrir a porta que você, saindo, acaba de fechar, nem insisto na tua volta; se, no entanto, você se apresenta no cartão que me enviou ou nas folhas secas encontradas por acaso entre as páginas de um livro, sinto que já não posso comigo, vou desandar, quero de novo ser o caminhante e o visionário.

(B) “Arde no lar o fogo antigo
do amor irreparável
e de súbito surge-me o teu rosto
entre chamas e pranto, vulnerável:

Como se os sonhos outra vez morressem
no lume da lembrança
e fosse dos teus olhos sem esperança
que as minhas lágrimas corressem.” (25)

Obrigado a pronunciar: já não te amo, digo-me adeus, ai de mim! O amor é antes de tudo nada. Permitia-me, entretanto, ignorar o tempo, gozar o infinito. Agora que te perdi, nada sou.

CENA 7

Rememoração do encontro

(A) O teu querer devia ser apenas o meu. Ser *Um* era o que desejávamos. Por isso, o sexo, de certo modo, nos contrariava. O teu gozo acaso não era a evidência de que você e eu não coincidíamos? De que éramos dois? Para onde o gemido ou o suspiro te levava? Afastava-nos. Impossível satisfazer o gozo sem violentar o amor.

(B) “Tu és do sexo das formas sonhadas... Mero perfil às vezes, mera atitude outras vezes, outras gesto lento apenas — és momentos, atitudes espiritualizadas. Nenhum fascínio do sexo se subentende no meu sonhar-te.” (26)

(A) O nosso sexo era ambíguo, sem ser andrógino, cada um era homem e mulher, sem ser travesti, encarnava os dois sexos. Assim, o amor mascarava a nossa incompletude. Impossível saber quem éramos, e eu, hoje, me pergunto se não era a máscara que amávamos.

(B) “Os amantes se amam cruelmente
e com se amarem tanto não se veem
Um se beija no outro, refletido
Dois amantes que são? Dois inimigos

Amantes são meninos estragados
pelo mimo de amar; e não percebem
quanto se pulverizam no enlaçar-se
e como o que era mundo volve a nada

Nada, ninguém. Amor, puro fantasma
que os passeia de leve, assim a cobra
se imprime na lembrança de seu trilha

E eles ficam mordidos para sempre
Deixaram de existir, mas o existido
continua a doer eternamente” (27)

(A) A irrealidade me fascinava, nós existíamos à meia-luz da fantasia. Só a súbita consciência de sermos irreais nos entristecia. A tristeza, no entanto, não durava. O amor sabia do humor, enlanguescidos nós ríamos, até o riso farto e o gozo de nos fartarmos só com isso.

Você era o sonho que eu nunca antes havia ousado. Não tenho como, nem quero, te esquecer.

(B) “O perdido caminho, a perdida estrela
que ficou lá longe, que ficou no alto
surgiu novamente, brilhou novamente
como o caminho único, a solitária estrela

Não me arrependo do pecado triste
que sujou minha carne, suja toda carne.
O caminho é tão claro, a estrela tão larga,
os dois brilham tanto que me apago neles.

Mas certamente pecarei de novo
(a estrela cala-se, o caminho perde-se)
pecarei com humildade, serei vil e pobre,
terei pena de mim e me perdoarei.

De novo a estrela brilhará, mostrando
o perdido caminho da perdida inocência.
E eu irei pequenino, irei luminoso
conversando anjos que ninguém conversa” (28)

CENA 8

Última exaltação do amor

(C) Nosso repertório era variado, fui mendigo e fui rei, mascarado e palhaço, cada vez eu me desdobrava noutro ser — um ator só escolado pelo sentimento.

O amor era uma iniciação permanente. Vivíamos do encontro e só para ele, mas nem o aconchego da presença nos saciava. Duvidávamos de ser amados apesar das juras, exigíamos a entrega que, na verdade, queríamos adiada, éramos contrários a nós mesmos. No amor não havia solução, fora, tampouco. Morrendo para ele, morríamos nós.

(B) “Não pude ser
o teu amor perfeito
antes esta ferida
Por isso para ti
não serei a pele
— poro a poro teu alumbramento —
serei apenas a cicatriz.
Perfeita.”(29)

Notas

1. Neide Archanjo, *As marinhas*
2. Filomena Cabral, *Amatus*
3. Fernando Pessoa, “Na floresta do areamento”, *Livro do desassossego*
4. Antônio Barbosa Bacelar, “Soneto”, em M. A. Santilli & S. Spina, *Apresentação da poesia barroca portuguesa*
5. Gonçalves Dias, “O leito de folhas verdes”, *Últimos cantos*
6. Manuel Bandeira, “A estrela da manhã”, *Estrela da manhã*
7. Florbela Espanca, “Fumo”, *Livro de Sórora Saudade*
8. Sórora Mariana Alcoforado, *Cartas da religiosa portuguesa*
9. Sórora Mariana Alcoforado, *Cartas da religiosa portuguesa*
10. Carlos Drummond de Andrade, “Amar”, *Claro enigma*
11. Florbela Espanca, “Sórora Saudade”, *Livro de Sórora Saudade*
12. Neide Archanjo, *Quixote, tango e foxtrote*
13. Meendinho, “Cantiga de San Simion”, em A.P. Torres, *Antologia da poesia trovadoresca galego-portuguesa*
14. Adélia Prado, “Amor”, *Terra de Santa Cruz*
15. Florbela Espanca, “Fanatismo”, *Livro de Sórora Saudade*
16. Fernando Pessoa, “Nossa Senhora do Silêncio”, *Livro do desassossego*
17. Luís de Camões, *Sonetos*
18. Bocage, *Poesias*
19. Luís de Camões, *Sonetos*
20. Fernando Pessoa, *Livro do desassossego*
21. Vinícius de Moraes, “Soneto de Carnaval”, *Livro dos sonetos*
22. Luís de Camões, *Sonetos*
23. Florbela Espanca, “Para quê?”, *Livro de mágoas*
24. Fernando Pessoa, “Na floresta do areamento”, *Livro do desassossego*
25. Carlos de Oliveira, “Elegia em chamas”, *Livro do desassossego*
26. Fernando Pessoa, “Nossa Senhora do Silêncio”, *Livro do desassossego*
27. Carlos Drummond de Andrade, “Destruição”, *Lição de coisas*
28. Carlos Drummond de Andrade, “Castidade”, *Brejo das almas*
29. Neide Archanjo, *Tudo é sempre agora*

PAIXÃO DE LIA
(Peça em um só ato)

*para Neide Archanjo e Alain Mangin,
pelas tantas vezes que um e outro me fizeram ver o mar*

PERSONAGENS

Lia: Protagonista

A VOZ: O duplo masculino de Lia

O Filho: O filho imaginário de Lia

INDICAÇÕES CÊNICAS

Paixão de Lia foi escrita para três atores. Uma mulher, que faz o papel de Lia. Um homem, no papel da VOZ. Um menino, que contracena com Lia no papel do filho imaginário. A VOZ repete as frases principais de Lia, pontuando sua fala e dando assim maior intensidade ao texto. O que ela mais quer é que Lia se expresse abertamente e, para isso, tudo faz, oferecendo-lhe a bebida, a flor, o espelho. Tanto evoca o coro grego, que narra a ação, quanto o psicanalista, que escuta a fala do analisando e a ele reenvia sua própria mensagem, a fim de que o analisando possa se escutar. Mas a VOZ também interfere na ação, comentando-a ou contracenando com Lia — como o coro grego fazia.

Nesta peça, a música é tão importante quanto o texto e poderá ser especialmente concebida para a encenação. Billie Holiday deve ser escutada no primeiro ato, Carlos Gardel no segundo e Edith Piaf no quarto. Tirante estas referências, a trilha sonora é livre.

CENA 1

Música.

A peça se abre com A Voz em cena esperando Lia, que logo entra. Sua aparição é saudada pela música. Esta ciranda quem me deu foi Lia. A música é cantada pela Voz, que passa a palavra a Lia. Da cena 1 à cena 8, Lia imagina o amante.

LIA — O Esperado... Quando o esperado? Quando o amante de Lia, o meu?

Auréola de cachos negros será? Tez morena, um anjo cor de jambo! Uma mesma voz doce para dizer *sim* ou até *não*. Querendo ser amado, sobretudo. O amante, quando? O homem que, no meu sonho, Ali se chama.

A VOZ — O amante... Quando?

LIA — Ali, A — L — I, as três letras do meu nome. Me vendo ou me ouvindo, ele saberá dizer: “A tudo eu prefiro te amar”. Com ele, eu nunca me lembrarei do relógio. O fato de ser dia ou noite pouco me importará. O amante para com ele me transladar, ir para outro sítio, ver, imaginando, as cores todas na espuma branca do mar. Alcançaremos o Oriente extremo, ouviremos o alaúde tomando chá de menta. Com Ali, entrarei no Paraíso fumando ópio, atravessarei os continentes, ousarei o mar alto e, depois, ao porto retornarei.

Barulho do mar.

A VOZ — O mar, alto-mar.

LIA — Com ele deixarei de ser quem sou, me tornarei a cigana e serei vidente, bola de cristal para prever o futuro. Tanto serei a dos lábios de fogo quanto a das palavras de mel.